

Dois chocolates e a conta com...



Medalhista olímpico em 1996 fala de projeto que oferece a crianças e jovens de baixa renda a chance de sonhar com o pódio

MAURO VENTURA



...ARNALDO DE OLIVEIRA

POR **MAURO VENTURA**

mventura@oglobo.com.br

Um tiro interrompeu em 2000 a carreira de Arnaldo de Oliveira, um dos maiores velocistas brasileiros da História. Mas o medalhista olímpico não deixou as pistas. Só que seu foco passou a ser preparar novos corredores. Em 2007, ele criou o projeto Futuro Olímpico, que oferece a crianças e jovens de baixa renda uma chance de sonhar com o pódio. Vinte anos depois de conquistar a medalha de bronze nos jogos de Atlanta, no revezamento 4x100 (com Robson Caetano, André Domingos e Edson Luciano), Arnaldo não para. Nascido há 51 anos em Oswaldo Cruz, ele é treinador de velocidade do Centro Nacional de Treinamento de Alto Rendimento da Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt), vai ser comentarista do SporTV nos Jogos e faz parte do programa Heróis Olímpicos do Atletismo, projeto da CBAt, patrocinado pela Caixa, que leva atletas para conversas com estudantes e esportistas. O Futuro Olímpico, bancado pela CSC Brasil e pela Caixa, treina crianças a partir dos 10 anos. Quem está com boas notas na escola faz três horas diárias de atividades. Do contrário, dedica metade desse tempo ao reforço escolar, com uma pedagoga. Ao visitar o projeto em 2013, Usain Bolt o elogiou e disse que ele ajuda a inspirar as crianças.

REVISTA O GLOBO: Como você virou corredor?

ARNALDO DE OLIVEIRA: Sou de família muito pobre, filho de um PM com uma doméstica. Quando criança, sonhava ser jogador de futebol. Treinei no América e fiz teste no Flamengo, mas não fui aprovado. Um amigo me chamou para treinar atletismo na Gama Filho. Eu não queria correr, mas ele disse que depois tinha lanche. Era pão com queijo ou mortadela e suco, mas para mim era mais do que suficiente. Eu não gostava de corrida, ficava enrolando, até que uma professora me mandou embora. Mas outro treinador viu em mim talento e ganhei uma chance. Corri com três outros atletas, inclusive o melhor da época. Venci e fiquei. Falo aos alunos: o atletismo é que me descobriu. Fui lá pelo lanche, fui reprovado e voltei. A ideia do Futuro Olímpico é retribuir, fazer com eles o que a Gama fez por mim: me estendeu a mão para dar a chance de uma qualidade de vida melhor.

E como foi o assalto que o tirou das pistas?

Em 2000, eu tinha 36 anos, estava muito bem fisicamente, tinha certeza absoluta de que iria para as Olimpíadas. No dia 31 de março, estava chegando em casa, na Taquara, por volta das 21h, de carro, quando dois bandidos me renderam. Pediram que eu saísse, mas estavam nervosos e não conseguiam ligar o carro. Eles tentaram dar ré, sem sucesso, e o carona apontou a arma e disse: "Tem segredo, vou te matar!" Corri. O atletismo me salvou de novo. Eles conseguiram enfim ligar o carro, vieram atrás de mim e dispararam quatro tiros. Um atingiu a panturrilha esquerda. Foi de raspão, mas arrancou fibra. Tentei retornar aos treinos, mas mancava, corria com dificuldades e parei. Deixei de ir a Sidney, onde nosso revezamento 4x100 ganhou a medalha de prata. Poderia ter hoje duas medalhas olímpicas.

Como estamos no atletismo? E como é o Futuro Olímpico?

Desde 2008 o Brasil vive um jejum de medalhas no atletismo. Os atletas hoje encontram muitas facilidades, ganham Bolsa Pódio, têm clubes, mas os resultados estão aquém dos da nossa geração. Falta comprometimento a muitos deles. Aqui cobramos muito. Em média, mais de mil alunos passam pelo projeto todo ano, e de 120 a 150 fazem regularmente as aulas no Centro de Desportos da Aeronáutica, em Jardim Sulacap. Já foram meus alunos, por exemplo, Bárbara Leôncio, campeã dos 200m no Mundial de Menores, em 2007, e Evelyn dos Santos, que esteve em Pequim e Londres. E quem tem chances de integrar o revezamento 4x400 no Rio é Sarah dos Santos, moradora da favela da Coreia, campeã brasileira juvenil nos 400m em 2013.

O que você costuma falar aos alunos do projeto?

Digo que o esporte é uma carreira muito curta. Um dia as pernas cansam. A cabeça vai querer, mas o corpo diz: já deu. Por isso é preciso estudar, sempre. É uma garantia de poder seguir uma carreira. Formei-me em Educação Física e em Fisioterapia, tenho pós em Osteopatia e em Anatomia Humana e Biomecânica, faço curso de coach de programa de carreira de atleta e vou fazer mestrado em Ciência da Reabilitação, para virar professor universitário. Parei de correr, mas estou sempre me capacitando para continuar sendo útil ao esporte. ●